

VERDADE E MENTIRA ENTRE A CIÊNCIA E A FÉ:

A negação e a afirmação da vida na modernidade tardia

Gerson Joni Fischer¹

A esperança de viver mais é inerente à natureza de todos os seres humanos. Esta é a razão pela qual as pessoas tentam dirigir todos os seus esforços e pensamentos como se quisessem viver para sempre. Pois, em seus pensamentos, fazem de sua vida uma vida eterna, ainda que a morte esteja em seu calcanhar; sendo o nosso vizinho mais próximo (Lutero, Enarratio Psalmi XC, 1541).²

Ciência e fé: um antagonismo aparente

A ciência é a mestra suprema da era moderna. Nesta, mais que entendimento, busca-se o esclarecimento, a verdade objetiva e inequívoca de todos os fatos. No princípio da modernidade não se fazia oposição entre a ciência e a fé, que no mundo ocidental se caracterizou de modo mais hegemonic por uma confissão de matiz cristã. Não demorou muito, porém, para que fossem consideradas como radicalmente opostas, em um processo contínuo e crescente de secularização. Atualmente, poucos séculos depois desse período de grande efervescência em relação ao que deveria dominar na visão de mundo, especialmente ocidental, vivencia-se um movimento adverso. Não muitos são os que ainda se iludem que o caminho da ciência é uma via repleta de promessas e superação de todas as mazelas que atormentam a humanidade. O saber científico não é neutro: promove a vida, é capaz de amparar a convivência em sociedade, mas também, paradoxalmente, as destrói. Um sofisma se impôs, mas já não satisfaz.

Os pilares que sustentam a sociedade moderna e a ciência sofrem pressões gigantescas. Na contemporaneidade, ao lado dos esforços por pautar a existência humana por meio do saber racional, detecta-se um movimento contínuo que busca a integração da experiência e vontades das pessoas, até então sujeitas à supremacia da *razão cartesiana*. O princípio geral que orienta a construção do conhecimento, a relação sujeito e objeto, sofre duras críticas, uma vez que a multiplicação do saber revelou uma demanda por unidade das partes no todo, que caracteriza a existência neste mundo: manter o todo nas partes e as partes no todo. Sem tal perspectiva, a vida humana perde sentido, a pessoa é coisificada e o meio no qual aquela se desenrola, passa a ser explorado sem um propósito que possa se manter por longo prazo. O fato é que, na modernidade tardia, no hoje, homens e mulheres se encontram mergulhados em uma cultura de negação, em falaciosa mentira, buscando uma nova afirmação para a sua existência.

Um angustiante anseio por sentido, observável nas coletividades em proporção planetária, pressiona cientistas, intelectuais de modo geral, a se perguntarem até que ponto as realidades existentes podem ser sujeitas à lei da física de causa e efeito. O anelo

¹ Pós-doutorado em Berlim, Alemanha, abril a novembro de 2010. Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Grande área: Ciências Humanas/Áreas: Filosofia e Teologia. Local da pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Apoio financeiro: Evangelische Kirche in Deutschland. Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), professor convidado na Faculdade Luterana de Teologia (FLT) e na Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV). Pastor na Paróquia Martin Luther de Curitiba/PR, filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. E-mail: gerson.trabalhos@gmail.com

² ALAND, Kurt (ed.). *Lutherlexikon*. 3. ed. Göttingen: Ehrenfried Klotz; Vandenhoeck & Ruprecht, 1967. p. 210-211.

por progresso e enriquecimento permanente convive, sem que isso possa ser superado pela ciência em seus fundamentos, com seu oposto: subdesenvolvimento, destruição e desumanização. O desenvolvimento não obedece rigidamente à causalidade moderna. O propósito de lucrar e vencer sempre fraudou a humanidade de homens e mulheres.

Não há nada na ciência que se apresente de modo imparcial, uma vez que são pessoas, na subjetividade que lhes é própria, quem a produz; conhecimento é também um item condicionado culturalmente, ainda que não necessariamente determinado. Não há como fazer uma distinção radical entre fatos e valores. Perdeu-se, esta é a percepção contemporânea, a ilusão de que todos os problemas da humanidade são solucionáveis no âmbito da ciência; moderação é exigida. A autonomia do indivíduo, proclamada pelo racionalismo da era moderna, reclama, hoje, a reconsideração da interdependência que precisa haver entre seus pares. O indivíduo autônomo, de viés puramente cartesiano, é uma falácia, mentira, *fake*, com apenas elementos de verdade.

Na era da razão moderna, a mente humana constituiu-se em ponto de partida, não questionável, de todo o conhecimento possível. “Penso, logo existo”, concluiu René Descartes, filósofo, físico e matemático francês. A afirmação tornou-se a máxima da visão de mundo do cartesianismo ocidental, prolongando-se até o tempo presente. A racionalidade, enquanto característica comum ao ser humano, passou a ser entendida apenas como um fenômeno de ordem natural, não dependendo, de modo algum, de uma estrutura fiduciária, de fé, igualmente uma nota distinta do ser. Esta, transformou-se em razão absoluta. Coube às pessoas educarem-se e aplicarem sua mente ao escrutínio das realidades que as cercam, testando-as reflexivamente pela via do experimento. Dispensaram-se os ritos e as orações, marginalizando essas práticas a um foro de opção estritamente individual e que possuem valor relativo. Estes somente são admitidos consideradas as lacunas ainda não elucidadas pelos diferentes ramos da ciência, não solucionadas por meio da criação de diferentes recursos tecnológicos para promoção do bem-estar pessoal e social. O teólogo suíço Karl Barth definiu o ser humano moderno como alguém na “procura otimista [...] de dominar sua vida por meio de sua compreensão (‘seus pensamentos’)”³. A fé foi relegada à menoridade, julgada como engano útil aos que ainda não evoluíram ao estágio da razão.

É impensável, nos dias de hoje, um mundo sem uma racionalidade aplicada, sem acesso aos expedientes tecnológicos e sem as comodidades deles advindas. Tal fato não se pode questionar. Entretanto, a ética que norteou a ordem moderna, os valores que condicionaram o comportamento das pessoas acabaram por inspirar-se nesses pilares defendidos pelas ciências naturais, passando-se a crer que houvesse normas puramente racionais, que, desse modo, exigiam das pessoas o cumprimento do dever enquanto mera obrigação. Houve uma promessa em andamento, um acordo oculto de caráter social, em algumas nações e continentes mais do que em outras, de que todos seriam bem-sucedidos, uma vez que aplicassem sua existência à disciplina de si e ao trabalho. E foi justamente aí que se iniciaram algumas das dificuldades que hoje distinguem a cosmovisão moderna. O ser humano foi progressivamente sendo sujeitado à lógica do conhecimento, eliminando-se acordos éticos baseados na religião cristã, na aceitação de um Deus Criador e de um mundo e uma humanidade por ele criados; pessoas, distintas de

³ BARTH, Karl. *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert. Ihre Vorgeschichte und Ihre Geschichte*. Zürich: Evangelischer Verlag Ag. Zollikon, 1947. p. 16.

seu Criador, mas feitas à sua imagem e semelhança (Gênesis 1.27).⁴ Apenas substituiu-se uma fé por outra, a saber, homens e mulheres transformaram-se em medida máxima de si mesmos; “imortalizaram-se”.

A racionalidade pura e natural é uma pretensão inalcançável. Os conhecimentos não possuem um caráter absoluto, fechados em si mesmos, uma vez que verdade e percepção da realidade dos fenômenos da vida se distinguem. Tudo no cosmo se apresenta de modo prodigioso, em permanente movimento. Não se passa de modo diferente com o ser humano. Pessoas em curso são as que produzem o saber, sempre condicionadas ao tempo e a espaços específicos e, por mais difícil que o seja explicar e admitir, determinadas por erro e ilusão. É o existir diário em sociedade que educa a verdade de tais percepções: humanos podem transcender seus condicionamentos pela memória que atualiza o passado e pela projeção do futuro para o presente, podem vivenciar, de algum modo, lugares nos quais não se encontram, porém, paradoxalmente, não podem eliminar o engano e seu poder destrutivo. Tal o drama que se desenrola na história e que hoje conduz, pela negação radical sem precedentes do sentido último da vida, a dissimilações de toda espécie. Mentir, por isso mesmo, tornou-se, despoticamente, uma necessidade imperiosa à sobrevivência.

A suposta razão moderna, quando se pretende ao absoluto, apresenta-se também em seu viés contrário: a irracionalidade do pensar e agir. O fluir da vida não se desenvolve como uma linha reta. Ela é anterior, apenas integrando o elemento racional a outras propriedades do ser. As pessoas constituem sua existência no âmbito da cultura, da ética e da transcendência. A ciência sonda, aproxima-se da verdade, experimenta-a, não a prova de modo definitivo. Pensar e agir em contrário transforma-a em mito, a exemplo do que se fazia na antiguidade entre diferentes povos em relação à projeção de deuses que se confundiam com a própria natureza dos fenômenos. Nada no universo transcorre de modo absolutamente previsível. Por isso as interpretações que se fazem também não podem ser encaixadas em pontos de vista fechados. Vive-se em meio a certezas e incertezas. Verdadeiro e falso integram-se à condição de homens e mulheres, cabendo a esses buscar um modo de vida que se apresente como razoável. Modéstia e humildade são virtudes cardeais e necessárias; do contrário, o hábito de mentir se imporá e a vida deixará de percorrer naturalmente o caminho que lhe é próprio.

O ser humano é de uma complexidade maior do que o de mero possuidor de uma razão enquanto instrumento acabado – analógica ou mesmo digital, usando-se linguagem computacional atual –, capaz de acessar a lógica exata que supostamente rege, impessoalmente, o universo. Ele não *tem* uma alma (psiquê), de modo que a pudesse modelar ao jeito que se faz com um membro do corpo. Pessoas *são* almas viventes, aparecimento que lhes atribui as capacidades de desejar, movimentar-se, exercer poder e conhecer fatos, transcender realidades, ainda que não sem erro. Alma e corpo apresentam-se como realidade indivisível. Seres humanos são seres vivos feitos carne, a exemplo e semelhança do testemunho de João acerca da encarnação de Jesus Cristo: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória,*

⁴ FISCHER, G. J. A crise contemporânea da ascese moral e o descenso ético do pensamento protestante. In: SOUZA, José Neivaldo; SOUZA, Edilson Soares de (Orgs.). *Teologia e ética no cuidado pastoral*. Curitiba: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2017. p. 9-32.

glória como do unigênito do Pai (João 1.14).⁵ Afirmar que se é alma vivente equivale a reconhecer que se é pessoa em relação com outras pessoas, que se é criado, como já referido, à imagem e semelhança de Deus. É para viver a vida em verdade e consideração mútua que se existe.

O conhecimento avança por testes, de modo que as teorias advindas desses não devem ser confundidas com a verdade última de todos os fatos. Há de se distinguir sempre entre verdade e realidade. Essa alma vivente humana é tanto racional como emocional e volitiva e, especialmente, relacional; espiritual em sua origem, mas comprometida “até o pescoço” com o que é transitório. O mundo somente pode ser compreendido mais adequadamente pondo-se a racionalidade e a emoção humana lado a lado. Ciência, arte e poesia, música, filosofia, religião e ética não são saberes opostos entre si, mas esferas diferenciadas que se constituem a partir do simples fato de existirem pessoas. A transcendência e a imanência constituem os humanos, de modo que esticar o péndulo a um desses polos os conduz a um idealismo que acaba por iludir os sentidos.

A negação da vida e a busca de sentido

A redução do ser vivente à lógica racional da ciência moderna produziu nele um vácuo existencial, possivelmente sem precedentes históricos. Os produtores da cultura contemporânea, em seu afã por cientificidade, exigiram explicações objetivas para todos os fenômenos naturais e humanos. Esse feito acabou por roubar propósito da existência humana; ocorrência perceptível de modo acentuado no mundo ocidental, no qual a secularização seguiu-se ao entendimento de cristandade que lhe foi anterior e segundo o qual Deus sustenta o mundo por meio de sua Palavra de criação e salvação. A dimensão teleológica, a busca por sentido, foi negada. O Deus que vai ao encontro da humanidade foi olvidado. Homens e mulheres secularizados “esqueceram-se de seu esquecimento” do Criador.

Nesse “vácuo da alma” floresceram todos os tipos de promessas que procuraram, de modo sincero e/ou falseado, atribuir algum sentido à vida humana, por mais efêmero que parecesse. Todas estas exigiram uma disciplina em troca, a exemplo do pensar e agir racional na modernidade. No entanto, homens e mulheres dão sinais evidentes de cansaço diante da exigência em se cumprir os ditames de uma suposta razão capaz de acessar as leis do universo, sem que se possa indicar suas origens, seu propósito. Dá-se, por isso mesmo, hoje, vazão à vontade, no encalço de se satisfazer os desejos mais autênticos, ou não. Fazer experiências de vida transformou-se em descriptivo do tempo presente. No entanto, sem que se alcance êxito nessa busca necessária de equilíbrio entre as propriedades que perfazem os seres humanos, o ser rapidamente sucumbirá na barbárie:

Isso é, com certeza, verdade, que a razão é uma realidade e é a cabeça de todas as coisas, e que ela – comparada com os outros elementos da vida – é a melhor parte, é de fato algo divino (Lutero, *Die Disputation de homine*, 1526)⁶.

Nos dias atuais questiona-se o dogma da autonomia da razão. O conhecimento nada mais é do que um fragmento da verdade que se manifesta no cosmo. As estruturas

⁵ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero*. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

⁶ ALAND, 1967, p. 361.

de pensamento não se desvencilham das crenças. Na modernidade anunciou-se a morte de Deus, sua não necessária recorrência. Contudo, em sua fase tardia, não se obteve sucesso em impedir que outros “absolutos” fossem deificados, a exemplo da razão, ciência, natureza, evolução, democracia, liberdade individual, tecnologia, ideologias, entre outras e, por eles, produzem-se supostas novidades contrárias à verdade. O anseio que soa como um convite é que se preste mais atenção nestes tempos de negação da vida, para sua manifestação nos pormenores das sensibilidades humanas, bem como para seu termo, a morte. Sem uma estrutura fiduciária para a vida, isto é, de fé, essa não terá propósito. A citação de entrada do presente artigo, por isto mesmo, se faz entender. Viver para sempre, como se isso fosse possível, consome as energias de todos os humanos e acaba por lhes abstrair o que lhe é mais necessário e intrínseco: sentido, finalidade.

A sujeição da existência a uma filosofia na qual a racionalidade é observada como razão mecânica, a uma teoria de conhecimento que reduz a pessoa a sujeito pensante diante do objeto de seu saber, a um princípio naturalista de causa e efeito, a abdução dos valores absolutos na busca frenética de fatos que se sustentem por si mesmos, não permite que o mundo seja recebido como criação de Deus; reconhecimento este presente, de um modo ou de outro, em todas as religiões. Compreende-se aqui o que o apóstolo Paulo disse aos atenienses:

Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio (Atos 17.22-23).

Com efeito, tudo, em ciência, foi sendo submetido ao escrutínio analítico que induz às partes. O risco é o da reificação do conhecimento, seja de caráter dedutivo, quanto indutivo, enquanto produto causal de indivíduos atômicos, ausentes de pessoalidade, perdidos e sem propósito no tempo e no espaço. As ciências humanas e da natureza afastaram-se de uma perspectiva de totalidade – na qual Deus aparecia como distinto desta, mas em relação com ela –, passando a ser examinadas com base em distintos pontos de vista. Na era moderna, tornou-se possível explorar e mesmo manipular o mundo mental. Não há mais espaço para o conceito de pessoa, consistindo nisso, em seus fundamentos, a negação da vida. Anunciou-se a morte de Deus, seguiu-se, tardiamente, a morte do ser humano; a maior e mais perigosa das *fake news*.

Os sentimentos mais caros de propósito, que brotam do simples fato de se estar vivo, foram subtraídos pela contaminação cultural moderna do objetivismo. Mentira, enquanto princípio e método que coisifica o ser humano. Verdade, se a serviço de algo que lhe antecede: o fluir da existência; neste caso dever-se-ia falar em racionalidade, objetividade. Como uma “bola de bilhar” em movimento, tudo passou a ser medido, calculado, efeitos são decorrentes de causas determináveis. Não há acaso, ou melhor, uma causa que antecede as leis do universo, somente acontecimentos elucidáveis pelos determinantes do mundo físico, o mundo da matéria, ainda que também enquanto propriedade energética. A física quântica, sob o ponto de vista filosófico, nada mais é do que aquilo que a velha física ainda não elucidou de modo perfeito. Não há um *sentido* intrínseco ao que ocorre em qualquer lugar e âmbito: concepção, nascimento, doença e morte perderam suas qualidades de mistério. Na era da inteligência artificial e do

transumanismo, mesmo a complexidade do ser em sociedade é recebida por meio de um cognitivismo abstrato, que por fim se apresenta como ilusório.

Essa ciência, na medida em que se pretende à universalidade, constitui-se como condição de qualquer verdade. É assim que, estabelecendo-se enquanto sistema, dando conta das coisas materiais, mas também da *maneira em como se as sente*, propõe-se enquanto um saber a que nada escapa, o único verdadeiro. O termo “sentido”, no entanto, transcende à sua redução cognitivista, fazendo eco à compreensão bíblica, hebraica, expressa pela palavra grega *telos*. Sentido significa “fim”, “término”. Sentido é fim com propósito e alvo. Acerca das provações extremas vivenciadas pelo personagem do Antigo Testamento, Jó, Tiago, o irmão de Jesus, escreveu: *Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo* (Tiago 5.11). Jó encontrou propósito, fim, em meio ao seu sofrimento de dor e perdas, tendo perseverado em sua confiança em Deus e aprendido a paciência. Sua vida foi afirmada, não negada, não foi um balanço de mentiras. Sentido é, conforme reza o ditado, ter *paciência de Jó*.

O único propósito, sentido, que se manteve intocado na era moderna é o do lucro e ganhos passíveis de advir do conhecimento e manipulação da natureza, em outros termos, tal é a fé do ser humano moderno. Galileu Galilei (1564-1642) foi o introdutor dessa perspectiva abstrata, geométrica, que conduziu, com o passar do tempo, a se ver apenas o mundo da matéria e dos corpos, chegando-se ao estágio de ter sido afastado “*da realidade dos objetos suas qualidades sensíveis*”⁷. Sabe-se descrever a dor, mas foi furtada a noção do sofrimento. É certo ser possível conhecer objetivamente e casualmente o que faz parte do mundo dos corpos, da matéria. Porém sentido e propósito são propriedades acessíveis somente por intermédio de uma estrutura que integra fé. Mesmo que não podem ser provados, sabe-se que existem e se os busca: sentido e propósito para o sofrimento e a morte, por exemplo; vida eterna, pois todos vivem como se fossem eternos; Deus, pois mesmo o mais convicto ateu a ele se refere; o perdão dos pecados, pois todos dele necessitam:

“Deus existe ou não”. Mas, qual das duas alternativas nós devemos escolher? A razão não pode decidir nada. O caos infinito nos separa. Ao fim desta distância, uma moeda está sendo lançada ao alto e logo cairá com a cara ou a coroa voltada para cima. Como você irá apostar? A razão não pode determinar o que irá escolher, tampouco a sua escolha pode ser defendida de forma racional⁸.

Segundo Houston, faz tempo que as pessoas de um modo geral se adaptaram ao círculo letárgico da modernidade. Desde o século 18, aprendeu-se a ver o mundo da matéria, a se tirar conclusões que se pareçam racionais, a abraçar somente o que se enquadra dentro de um pensar lógico. Essa aproximação engendrou prodígios tecnológicos, mas despojou o ser humano de algo que lhe é vital: “[...] se aceitarmos o fato de que Deus nos criou para buscá-lo e de que nossos verdadeiros desejos são por coisas eternas, poderemos encontrar o caminho para a realização plena”⁹. Já Nagel adverte que, em meio às crises da ciência na modernidade tardia, em meio ao naturalismo

7 HENRY, Michel. *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações, 2012. p. 15.

8 PASCAL, Blaise. *Mente em chamas*. Fé para o cético e indiferente. Brasília: Palavra, 2007. p. 145.

9 HOUSTON, James. *A fome da Alma*. Descobrindo como os mais íntimos desejos da alma afetam nosso comportamento e a verdadeira felicidade. São Paulo: Abba, 2000. p. 11 e 21.

científico dominante que está sujeito a explicações darwinistas para praticamente todos os fenômenos, inclusive sobre o aparecimento da consciência humana, dever-se-iam esquematizar reflexões alternativas para o que tal base teórica não obtém sucesso responder: “Seria um passo à frente se a elite teórica e cultura contemporânea esclarecida, dominada por ela, pudessem se desacostumar com as lacunas do materialismo e darwinismo – para assumir seus discursos depreciativos”¹⁰.

No estágio contemporâneo do conhecimento disponível, nenhum saber pode reivindicar objetividade absoluta e pura. Faz-se necessário envolver toda a cultura nessa percepção, isto é, acerca da relatividade das ciências, sem, contudo, cair-se num obscurantismo alienante. Não é absolutamente necessário que se desassocie racionalidade e fé; ao fazê-lo, no entanto, incorre-se em perigoso falso juízo. Essa polarização é, lamentavelmente, uma característica do ser humano que sempre de novo deseja se pôr no lugar do Criador:

É apenas a mistura de juízos e postulados científicos e ideológicos que evoca a contradição entre o conhecimento da natureza e o conhecimento de Deus. A vontade de garantir a permanência eterna em seu mundo leva as pessoas a substituições ideológicas do pensamento científico¹¹.

O conhecimento jamais pode ser completamente separado do sujeito que conhece. Esta é uma discussão hermenêutica: o método que se usa para produzir ciência influencia os resultados da realidade que se estuda. Pesquisadores e pensadores de todas as ciências, inclusive humanas e sociais, necessitam perceber esse curso interpretativo. A não observação dessa realidade conduz à barbárie, a um aproveitamento falsificado dos conhecimentos, que de algum modo não promoverá a vida. Mesmo as teorias cognitivistas comportamentais mais complexas, que procuram potencializar os recursos humanos de um modo mais holístico, não passarão de “cafés requentados” do velho positivismo behaviorista. Hans Küng, a esse respeito, indaga, em tom de evidente afirmação: “Não desempenha realmente nenhum papel nas pesquisas e diagnósticos científico-matemáticos e naturais [...] condições subjetivas e pressupostos, pontos de vista e perspectivas?”¹².

O universo é *aberto casualmente*. As leis da física não podem fixar, exatamente, os fenômenos que se apresentam no cosmo. De modo que, em linguagem oriunda da fé em um Deus criador e sustentador da vida, é possível dizer que ele pode agir no mundo sem que, com isso, viole continuamente as leis por ele mesmo estabelecidas. A conclusão provém de muitos cientistas que não antagonizam a relação entre ciência e fé:

Se nossa atividade cerebral fosse, por completo, determinada, não poderíamos agir de modo livre, pois seríamos, antes, inteiramente definidos por meio do

10 NAGEL, Thomas. *Geist und Kosmos*. Warum die materialistische neodarwinistische Konzeption der Natur so gut wie sicher falsch ist. Berlin: Suhrkamp, 2013. p. 181.

11 HILLE, Rolf. *Das Ringen um den säkularen Menschen*. Karl Heims Auseinandersetzung mit der idealistischen Philosophie und den pantheistischen Religionen. Giessen; Basel: Brunnen, 1990. p. 86-87.

12 KÜNG, Hans. *Theologie im Aufbruch*. Eine ökumenische Grundlegung. 2. ed. München; Zürich: Piper, 1992. p. 159.

estado de nosso cérebro e do mundo material, do qual provêm suas impressões¹³.

A fé e a ciência atuam com indagações diferenciadas. À responsabilidade da ciência compete a integração interna do mundo, a saber, a exposição dos processos na natureza por intermédio da lei de causa e efeito, bem como o encontro dos princípios gerais por trás da mesma. Nas ciências da natureza são feitas perguntas sobre *como* se desenvolvem os fenômenos que se podem observar visual e racionalmente. O domínio da fé, especificamente da cristã, é a revelação, o plano de redenção de Deus para com a humanidade. Envolve perguntas pelo *quem* e *por quê*. Se as responsabilidades da fé e da ciência forem confundidas, chega-se a uma transposição de fronteiras. Quando cientistas consideram poder dizer algo sobre o propósito do universo, ou de sua ausência, e pessoas religiosas acreditam ser capazes, com base nas doutrinas bíblicas, de deduzir algo sobre as condições da natureza, ocorre tal ultrapassagem.¹⁴

Ao progresso da ciência não se seguiu o de caráter ético, transformando-se aquela em ícone passível de adoração impessoal e obtusa. A ética moderna proclamou o dever pelo dever, extremamente austero, afastando-se das origens do cristianismo, com base no qual o cumprimento do dever encontrava-se também associado à compreensão de que é a partir da graça de Deus que, não apenas se deve, mas inclusive se pode cumpri-lo. As ciências exatas, bem como as humanas, apresentam-se, hoje, em caráter altamente ideológico e, não por último, também as expressões religiosas aculturadas a esse espírito:

A alma pode dispensar todas as coisas, exceto a Palavra de Deus. Sem a Palavra de Deus, ela não pode ser ajudada com nada. Mas quando ela tem a Palavra de Deus, não há necessidade de nenhuma outra coisa no mundo, encontrando nela o suficiente: alimento, sabedoria, liberdade e tudo de bom em abundância¹⁵.

Karl Heim, teólogo alemão do século 20, personagem raro que se propôs a conversar com os cientistas da natureza acerca da não necessária oposição entre ciência e fé cristã, afirmou em uma de suas muitas obras: “[...] o espaço de Deus é a realidade onipresente que nos rodeia no conjunto do mundo e em quem tudo descansa e adquire um significado final”¹⁶. Deus não é uma invenção do ser humano, apenas imprescindível para ocasiões e acontecimentos ainda não elucidados pela ciência. Ele é aquele que sustenta tudo, estabelece e mantém as “leis” que regem a criação, a vida que nela se cria e recria. A confissão de fé cristã envolve uma chamada a se fazer presente em distintos campos do saber humano, para que fatos não apareçam de modo isolado, mas em simbiose com valores, propósito e sentido. E esses a palavra de Deus acerca da reconciliação em Jesus Cristo oferece de modo gracioso, verdadeiro, sem *fakes* ou por meio enganoso:

O domínio da ciência está em explorar a natureza. O domínio de Deus encontra-se no mundo espiritual, um campo que não é possível esquadriñhar

13 DROSSEL, Barbara. *Und Augustinus traute dem Verstand.* Warum Naturwissenschaft und Glaube keine Gegensätze sind. Giessen; Basel: Brunnen, 2013. p. 29.

14 DROSSEL, 2013, p. 29-30.

15 ALAND, 1967, p. 296.

16 HEIM, Karl. *Der Christliche Gottesglaube und die Naturwissenschaft.* Grundlegung des Gesprächs zwischen Christentum und Naturwissenschaft. 3 ed. Wuppertal: Aussaat, 1976. p. 224.

com os instrumentos e a linguagem da ciência; deve ser examinado com o coração, com a mente e com a alma – e a mente deve encontrar uma forma de abarcar ambos os campos¹⁷.

A pessoa, na modernidade tardia, situada em meio às faláciais que opõem ciência e fé, encontra-se insegura em relação aos valores que deveriam pautar sua existência. Vive negada e sem propósito definido. Mentir, para ela, transformou-se em uma espécie de um novo normal. Nessa condição, não mais consegue se perceber como uma lutadora contra o mal e em favor do bem; sua constelação psíquica encontra-se afetada. A demanda, mais que necessária nos dias atuais, é que homens e mulheres sejam auxiliados a elaborar suas próprias sombras.

Impulsionados pelos extraordinários avanços da ciência, os cidadãos da presente era cultivaram grande otimismo quanto às possibilidades de ascensão moral. Essa, porém, não se efetivou na mesma proporção de seu trabalho disciplinado. Revelou-se uma ilusão. Exacerbaram-se os desejos de consumo, reduziu-se o entendimento acerca do valor da vida humana. O comportamento das pessoas distingue-se, hoje, pela busca permanente do que satisfaz e provoque sensações de prazer e, opostamente, pelo medo, a angustiante percepção de vazio. Aceleradamente abandonado à própria sorte, resta ao indivíduo do tempo presente resignar-se ao ciclo recursivo entre o prazer provocado de modo imediatista e o medo que isola e faz adoecer. Ao se rejeitar a razão absoluta, acabou-se por negar também esse ser que é alma vivente. A possibilidade moral é predominantemente casuística.

O sentido da vida humana somente pode se efetivar na medida em que se a reconhece em relação, com Deus o criador e nas de caráter interpessoal, pautadas pelos princípios da reconciliação e consideração. O testemunho do evangelho de Jesus Cristo, permeado de pessoalidade, é a contribuição que as pessoas cristãs e a igreja poderiam oferecer para esta que é a maior necessidade do ser humano: reconciliar-se com Deus, com o próximo e o seu meio, e consigo mesmo. Nessa perspectiva, o agir moral prossegue sendo um dever, condicionado, porém, pela misericórdia, pelo “abraço” amoroso de Deus, por relações humanas que abundam em sentido e pela confissão de pecados e a experiência do perdão.¹⁸ Assim, os fundamentos da verdade, inscritos por Deus em sua criação, podem ser irresistivelmente afirmados em oposição amorosa a todo e qualquer poder do engano que se levanta para negar a vida que não cessa de fluir. A fé cristã situa-se, em meio às promessas e aos desencantos contemporâneos, como um “fermento que existe para levedar a massa”.

17 COLLINS, Francis S. *A linguagem de Deus*. Um cientista apresenta evidências de que Ele existe. 6. ed. São Paulo: Gente, 2007. p. 14.